

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Resumo da 26ª Aula: 08.10.2015

Assunto principal: O conflito entre a posição contemplativa do Arquétipo da Totalidade e as demais posições arquetípicas. Baseado no filme *Samsara* (2001), dirigido por Nalin Pan.

Lema do Filme: **“Uma gota d’água só não secará se ela encontrar o mar”**.

Boa noite a todos.

Ao estudarmos a essência da sexta fase arquetípica da vida (40 aos 60 anos) e sua passagem para a sétima fase (além dos 60 anos), é imprescindível abordarmos **o tema do sacrifício do corpo físico** e sua morte e a vivência do encontro com o espírito da criação no infinito e na eternidade.

A missão arquetípica da sexta fase da vida é a integração dos Arquétipos da Anima no homem, do Animus na mulher, da Alteridade e do Herói em ambos, para atingir a individualidade profunda, dentro da vivência de totalidade do potencial arquetípico da personalidade. Nesse sentido, podemos acompanhar, no filme, o questionamento que o monge Tashi faz ao seu mestre, o Lama Apo, sobre a vida e a educação no monastério em que vivem. Como todos os demais monges, Tashi foi separado da família e entregue por seus pais para a carreira monástica, aos cinco anos. Aos vinte anos, empreendeu uma meditação bem sucedida de 3 anos, 3 meses, 3 semanas e 3 dias e se tornou um monge graduado. No entanto, sua sexualidade e sua atração pela vida mundana (*Samsara*) o levam a sair do monastério e a casar-se com Pema e ter um filho. Percebemos que a vida de Tashi é posta em comparação com a de Sidarta Gautama, o Sakyamuni, que se tornou Buda, para permitir uma elaboração profunda do Budismo monástico. Sakyamuni significa “o rápido caminho tântrico para a iluminação”.

Sabemos que o príncipe Sidarta Gautama, aos 29 a, depois de ver a doença, a velhice e a morte, deixou sua esposa Yasodhara e seu filho Rahula, no meio de uma noite, sem se despedir. Assim, ele se desapegou de tudo e se tornou monge mendicante até atingir a

iluminação. Desde sua iluminação aos 40 anos, pregou até o final da vida, aos 80 anos, o desapego do Samsara para buscar o Atman e o Nirvana.

Pouco antes de deixar o monastério, Tashi questiona Apo e argumenta que o Buda entrou para a vida monástica de mendicante aos 29 anos, depois de casar e ter um filho e que ele e os outros monges entravam na vida monástica aos 5 anos de idade, para cultivar a busca do Nirvana sem nenhuma vivência mundana. Como era isso possível?

Tashi deixa o monastério com seu cachorro Kala, que em sânscrito significa “tempo”, e vai para a comunidade, onde reencontra Pema, linda jovem que conhecerá num ritual. Eles se casam e ele se torna um agricultor no sítio do pai dela. No caminho, ele pousa na caverna de um velho ermitão, que lhe apresenta desenhos eróticos, um verdadeiro Kama Sutra. Ao se olhar os desenhos contra a luz, veem-se esqueletos dentro das figuras abraçadas em posições sexuais diversas, referindo-se, claramente **à efemeridade do Samsara**.

Do ponto de vista arquetípico, como fizemos com o Cristianismo e o Socialismo, podemos dizer que, nessa educação monástica, a alteridade da sexta fase da vida foi patriarcalizada defensivamente pela generalização precoce do Arquétipo da Totalidade, que, nesse caso, fixa e limita o processo de individuação. Como argumenta Tashi com Apo, se um monge é submetido ao desapego do Samsara desde os cinco anos de idade, como irá ele realizar seu desenvolvimento integrando o Arquétipo Matriarcal, o Arquétipo Patriarcal, o Arquétipo da Alteridade e do Herói para, depois, se desapegar de tudo, no final da vida?

Não há dúvida que, para a Psicologia Simbólica Junguiana, essa educação é, possivelmente, uma grande patriarcalização defensiva da posição contemplativa do Arquétipo da Totalidade que, paralisa o processo de individuação. Não há como não associar essa fixação com aquela causada pelos votos de obediência, castidade e pobreza dos padres católicos, alguns dos quais, posteriormente, atuam essa fixação na pedofilia.

Uma cena muito simbólica no meio do filme é o adultério de Tashi com Sujata, uma camponesa que veio empregar-se na colheita no sítio do sogro de Tashi.

Sabemos que Sujata foi o nome de uma camponesa que ofereceu uma cuia de arroz a Sidarta Gautama em meio à drástica abstinência alimentar que ele se impunha, junto com os seus cinco seguidores. Sidarta aceitou o arroz e, ao fazê-lo, quebrou o ritual patriarcal de jejum da tradição ascética hindu. Seus seguidores o abandonaram imediatamente após esse evento que se tornou um marco na história do Budismo. Ele assinala a passagem da dominância do Arquétipo Patriarcal (20-40 a), para a dominância do Arquétipo da Anima, do Animus e da Alteridade na sexta fase da vida. Nesse sentido, Sujata é a imagem da Anima do Buda e de Tashi, que vem quebrar a dominância patriarcal na desistência da abstinência alimentar de Sidarta e na desistência da abstinência da vida mundana de Tashi.

Depois desse evento, na peregrinação de Sidarta, a imagem do Buda é representada sentada, gorda e barriguda, contrariamente à imagem esquelética que expressava a rígida obediência ascética.

É importante assinalar que os cinco seguidores de Sidarta, que o abandonaram quando ele se alimentou de arroz, depois voltaram a ser seus discípulos quando ele atingiu o Nirvana.

O filme atinge o seu final, acrescentando ao questionamento da educação monástica outro questionamento da própria conduta de Sidarta e do Buda ao desapegar-se do Self Familiar para iniciar sua peregrinação.

Ao deixar sua família e voltar para o monastério, Tashi encontra Pema. Ela questiona sua busca da iluminação, que, ao seguir o Buda, sem se despedir, a abandona com seu filho, no meio da noite, como Sidarta Gautama havia abandonado Yasodhara com Rahula. Como conseguiram eles fazer isso e condenar suas companheiras à solidão, à frustração e à amargura do abandono? Eles seguiram o Dharma (a lei absoluta) em direção à iluminação, mas, pensaram nelas? E o que fizeram com elas?

Pema afirma que só um homem poderia fazer isso, porque uma mulher jamais abandonaria seu filho, no meio da noite, sem se despedir. Ela acrescenta que se Tashi amasse o Dharma com a mesma intensidade que eles se amaram quando se conheceram, ele se tornaria muitas vezes Buda aqui nesta encarnação.

Dentro de uma imensa dor, Tashi diz a Pema que não voltará para ela. As imagens de Pema e seu cavalo desaparecem e Tashi cai, contorcendo-se de sofrimento.

Aqui se expressa a vivência da morte e a transformação do sacrifício do envolvimento emocional e existencial com o desapego de Samsara, das coisas do mundo, que incluem a sensualidade matriarcal e as obrigações patriarcais. Daí em diante, restará a posição contemplativa dentro do Arquétipo da Totalidade, para vivenciar a Consciência cósmica dentro do infinito, da eternidade e da paz.

A prática da meditação é essencial para essa vivência de encontro com o espírito da criação a partir do vazio, ou seja, para o reencontro do Ego com o Arquétipo Central na revivência do ouroboros, do dragão que engole a própria cauda, posição na qual o Ego iniciou a sua diferenciação, mas que agora a retoma com plena consciência. Peço a vocês continuarem meditando no início e no fim do dia, para condicionar sua convivência com o vazio, que é a totalidade. Com o tempo, verão que conseguirão o esvaziamento da mente cada vez mais e melhor.

Na próxima aula, a 27ª, vivenciaremos a Sombra da sexta fase da vida, com a fixação daqueles seres atormentados que não conseguem morrer. O tema da aula será ilustrado pela lenda de *Nosferatu*, imortalizada nos filmes do diretor Murnau (1922) e de Werner Herzog

(1979). Texto recomendado: Releitura do cap.12, O Arquétipo da Totalidade, da Psicologia Simbólica Junguiana.

Boa noite a todos e até quinta-feira.

Byington.